

Rap: protagonismo musical periférico

Apresentação do dossiê

O pesquisador José Ramos Tinhorão anunciara em 2004 que a canção havia acabado! O rap e a música eletrônica sinalizariam esse fim. A assertiva possibilitou o desenrolar de uma série de debates sobre o status da canção popular brasileira que adentrara o século XXI. Chico Buarque de Hollanda, por exemplo, também apontou para mudanças neste campo, admitindo que o rap seria a “negação da canção” tal qual ele havia conhecido e, talvez, um sinal de que a “canção já era, passou”¹. Cada qual à sua maneira, seja na perspectiva de crítica, seja no diagnóstico de que algo tem mudado no plano da canção, estes comentários evidenciam que não há como desconsiderar o impacto trazido pelo rap dentre as expressões musicais contemporâneas.

Incômodo para muitos, sinônimo de mau gosto para outros, o rap expressa a experiência dos que estiveram ou estão à margem da sociedade. No caso brasileiro, ele emerge com força a partir da década de 1990. Se lembrarmos da célebre frase do rapper Sabotage, que também deu nome ao seu disco, “Rap é compromisso” (Cosa Nostra, 2000), teremos uma dimensão do interesse do artista com o enfoque social de seu trabalho. Mano Brown, no mesmo sentido, afirmou que o “rap é uma arma”². As falas dos rappers sintetizam a potencialidade do gênero como expressão artística que possibilita um sentimento de frátria – no sentido dado por Maria Rita Kehl³ –, de comunidade entre os “manos”. No entanto, em pouco mais de dez anos, em meados dos anos 2000, assistimos a importantes mudanças no rap, visto o ganho de espaço no mercado de bens culturais. Junto a isso, percebemos o crescente protagonismo das mulheres na rima contra o machismo e o sexismo.

¹ Disponível em:

<http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_trip_0406.htm>. Acesso em: 10 set. 2015.

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fnIwP-2MpgA>>. Acesso em: 10/09/2015.

³ Cf. KEHL, Maria Rita. A Frátria Órfã: o esforço civilizatório do Rap na Periferia de São Paulo. In: KEHL, M.R. (Org.), In: *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 209-244.

Atualmente, o rap tem conquistado um incontestável campo de atuação que modifica material e simbolicamente o seu lugar social. Nessa medida, o “sentimento de frátria” deve ser reavaliado. O olhar atento às manifestações culturais da periferia, e o conjunto de transformações políticas, materiais e simbólicas ligadas a tais mudanças, têm chamado a atenção dos pesquisadores. Mas é importante frisar que, no caso do presente dossiê, muitos dos autores apresentam uma relação orgânica com a “quebrada”, indício das mudanças também atreladas às transformações visíveis no rap, mas, igualmente, na vida acadêmica.

Na intenção de principiar o debate e, de certo modo, ir além da querela sobre o rap ser considerado música ou não, o dossiê *Rap: protagonismo musical periférico*, foi pensado a fim de colocar na agenda diversificadas abordagens sobre o gênero, demonstrando, sobretudo, que para a compreensão das novas dinâmicas sociais, culturais e políticas a escuta do rap é fundamental.

Os seis artigos que compõem este dossiê, as duas resenhas e a tradução inédita de um artigo do sociólogo **Karim Hammou**, buscaram pensar o gênero sob diferentes matizes que, no conjunto, se complementam. Composto em sua maior parte por uma nova geração de pesquisadores, procurou-se contemplar olhares heterogêneos sobre uma questão em curso.

O artigo de **Marcelo Segreto**, *A presença da fala na melodia do rap*, deslinda o vínculo da fala com os processos de musicalização existentes na melodia do rap, demonstrando o modo como a oralidade é inerente ao “caráter de denúncia” do gênero, garantindo o seu “efeito de verdade”. Segundo o autor, além da oralidade se vincular aos aspectos caros à cultura hip-hop, realiza íntima aproximação, por um lado, entre o artista e o público, os quais compartilham “o mesmo registro de voz” e, por outro lado, entre o compositor e o intérprete.

Numa chave histórica, **Guilherme Botelho** em *Notas sobre o termo e o tema “menor” presentes em performances de raps paulistanos da década de 1990*, destaca, dentre outros, os raps de Athalyba-Man, dos grupos Balinhas do Rap e Racionais MC’s, a fim de detalhar o processo de criação do pejorativo termo “menor”, e como esta problemática se expressou através das performances dos rappers.

Em *Rep e repressão - uma rima quebrada*, **Rôssi Alves Gonçalves** nos mostra aspectos repressores pelos quais passa o rap, sobretudo, a repressão policial. Todavia, o artigo não deixa de nos esclarecer sobre o modo pelo qual os artistas de rap enfrentam a coibição. Com suporte em variadas letras do gênero, a autora retrata esta condição, com créditos para o modo como atua o Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP), primeiro coletivo a promover as rodas culturais na cidade do Rio de Janeiro.

Já em *Relatos sanguinários e sentimentos indigestos no rap de Faccão Central*, **Roberto Camargos** propõe uma análise do grupo de rap paulista Faccão Central – um dos grupos mais radicais do rap nacional. Camargos ressalta que as suas narrativas, com ênfase no “conflito”, “revide” e “acusação”, apontam para um tempo histórico preciso por meio da voz daqueles que experimentam o “lado mais perverso” da sociedade e, desse modo, reivindicam direitos que lhes foram negados.

Contexto histórico e artístico de produção do fenômeno Racionais MC's: uma ruptura musical, de **Tiaraju Pablo D'Andrea**, reflete sobre a obra dos Racionais com base em três eixos, a contextualização histórica que possibilitou a emergência do grupo, e o contexto artístico dos anos 1990. Por fim, o autor realiza uma análise musicológica, sugerindo o quanto as características musicais que estruturam a obra dos Racionais garantiram-lhes a possibilidade de sucesso.

Ainda sobre os Racionais, **Acauam Oliveira** em “*Quanto vale o show?*”: *Racionais MC's e os dilemas do rap brasileiro contemporâneo*, esmiúça o último álbum do grupo, *Cores e Valores* (2014), revelando através desta obra as mudanças e as contradições fundamentais no cenário atual do rap brasileiro.

O dossiê também é contemplado com a tradução, feita por mim e por **Izadora Xavier do Monte**, do artigo de **Karim Hammou**, “*Esteroides x Serotonina: o gênero em dois renomados artistas de rap francês dos anos 2000*”, o qual versa sobre a problemática de gênero em Diam's e Booba. Além de problematizar o sexismo e a heterossexualização que perpassam as análises das críticas de imprensa sobre os dois artistas, o artigo de Hammou nos oferece a possibilidade de entrar em contato com uma bibliografia ainda pouco conhecida no Brasil.

A edição inclui duas resenhas: a primeira versa sobre o livro de Roberto Camargos, “*Rap e Política: percepções da vida social brasileira*” (Boitempo, 2014),

escrita por **João Augusto Neves**. A segunda, de autoria de **Felipe Maia Ferreira**, discorre sobre o livro de Karim Hammou, “Une Histoire du Rap en France” (*La Découverte*, 2014).

Agradeço aos editores da *Música Popular em Revista*, o Prof. Dr. Rafael dos Santos e o Prof. Dr. Pedro Aragão e, especialmente, ao Prof. Dr. Adécio Camilo Machado. Também sou grata às autoras e aos autores dos artigos que contribuíram a esse número.

Em tempos em que a utopia se perde no horizonte, a possibilidade de refletir e problematizar sobre uma manifestação artística cujo lastro tem como objetivo repensar os parâmetros da estrutura social, escancarando a violência pela qual passa grande parte da população, especialmente os segmentos mais empobrecidos e, em sua maioria, negras e negros, é um convite ao debate.

Boa leitura a todas e a todos.

Daniela Vieira dos Santos
(Coordenadora do dossiê)